

# Enredos de Jorge Amado em suas navegações de cabotagem

*Jorge Amado's stories in his cabotage navigations*

Rubens Edson Alves Pereira  
Elvya Shirley Ribeiro Pereira

Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana – Bahia – Brasil



**Resumo:** Neste trabalho, o livro *Navegação de cabotagem* (1992) é visto como espaço privilegiado de diálogos com o escritor Jorge Amado e sua obra, espaço ao mesmo tempo aglutinador e disseminador de experiências humanas e intelectuais, assinaladas pelos crivos do protagonismo e do testemunho, da razão e da emoção, da glória e da simplicidade na fatura de uma existência. O livro se apresenta como um caleidoscópio de saberes e vivências, memória e história, literatura e vida, arte e cultura, fato e ficção, lembrança e legado, denúncia e deleite – enfim, apontamentos para uma possível autobiografia que o autor se esquivou de escrever, escrevendo-a, porém, como processo e fragmento. Interessa-nos, sobretudo, discutir *Navegação de cabotagem* tendo em vista algumas implicações e/ou formulações críticas, literárias e sócio-históricas, envolvendo a trajetória artística, intelectual e política do escritor Jorge Amado.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; Memória; Autobiografia; Ficção; História

**Abstract:** In this work, the book *Navegação de cabotagem* (1992) is seen as a privileged space for dialogue with the writer Jorge Amado and his work, space at the same time to unify and disseminate human and intellectual experiences, marked by the cribble of the role and witness, of the reason and emotion, of the glory and the simplicity in conducting an existence. The book is presented as a kaleidoscope of experiences and knowledge, memory and history, literature and life, art and culture, fact and fiction, memory and legacy, denouncement and delight – finally, it notes for a possible autobiography that the author dodged write, writing it, but as a process and fragments. It concerns us, mostly, discussing *Navegação de cabotagem* focusing on critical, literary and socio-historical issues and/or formulations, involving the artistic, intellectual and political trajectory of the author Jorge Amado.

**Keywords:** Jorge Amado; Memory; Autobiography; Fiction; History

---

A palavra enredo (como a palavra leitura) é emblemática, nela tudo caberia, embora se insinue delimitada e franca pela familiaridade que tem, que temos, com o universo das letras e da ficção. O enredo dissemina-se em teias discursivas, estabelece-se como intrigas a (co)mover os entes, ata e desata os nós da existência e, com seus ardis, perscruta e movimenta fantasmagorias de toda ordem. Num movimento análogo à memória, o enredo não estabelece limites precisos entre a luz da consciência e os imponderáveis do homem e de suas circunstâncias. Como a memória, com seus substratos individuais e coletivos, suas faces reais e seus traços virtuais, o enredo é condição de possibilidade, seja para as navegações *de longo curso* da arte, seja para a *navegação de cabotagem* da vida.

Os enredos e memórias, ritmados nas leituras das *navegações* de Jorge Amado, elevam-se, ainda, como fatos e experiências existenciais e como matéria narrativa, numa reflexividade que faz ficção e realidade se espelham. Vida e obra de Jorge ressoam, então, em homologias e iluminações mútuas. Memória em movimento!

No ensaio “As migrações de Brás Cubas – ou contracenar da identidade”, Elvya Ribeiro Pereira observa que Machado de Assis espreita, com a desassombrada acuidade do olhar de Brás Cubas, o movimento discursivo em torno dos valores históricos que dizem respeito à família do herói e, por clara extensão, à sociedade e à cultura brasileiras (cf. PEREIRA, 2005:143-167). Por exemplo, no exclamativo “Capítulo XLIV”, enfaticamente intitulado “Um Cubas”, o protagonista comenta a reação

do pai ao saber do rompimento do seu noivado com Virgília:

Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra cousa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. *Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas!* E dizia isto com tal convicção, que eu, já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: *uma imaginação graduada em consciência* (MACHADO DE ASSIS, 1994:561 – grifo nosso).

Machado aponta aqui uma face do processo de sedimentação do discurso mitologizante, momento em que a (mito)lógica do discurso escapa à racionalidade do próprio enunciador – uma imaginação graduada em consciência. Ao desnudar esse jogo mental, Brás Cubas franqueia aos seus leitores uma dimensão importante deste contraponto entre “origem” e “genealogia”, pois, como diz Foucault,

colocando o presente na origem, a metafísica leva a acreditar no trabalho obscuro de uma destinação que procuraria vir à luz desde o primeiro momento. A genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações (FOUCAULT, 1993:23).

Diferentemente do “não raro, mas curioso” fenômeno apontado por Machado de Assis, que exemplificaria um típico processo de manipulação idealizadora da memória (pessoal ou coletiva), Jorge Amado, em *Navegação de cabotagem*, aporta distintos enredos – casos sérios e pitorescos; encontros com grandes personalidades; a convivência dos humildes; o ambiente descontraído das ruas; as tramas e intrigas do poder; pequenas histórias exemplares; reflexões existenciais; manias; fraquezas; alcovas; cenas e roteiros da vida cotidiana; registros pessoais, culturais e históricos; cenas cômicas; lendas dramáticas; inscrições trágicas. Nas modestas palavras que encerram a apresentação do livro, ele reafirma sua profissão de fé como escritor: “Não quero erguer um monumento nem posar para a História cavalgando a Glória. Que glória? Puf! Quero apenas contar algumas coisas, umas divertidas, outras melancólicas, iguais à vida. A vida, ai, quão breve navegação de cabotagem!” (AMADO, 1992:IV)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Nas páginas iniciais do livro, Jorge Amado escreve uma espécie de prefácio em 4 páginas, com texto em itálico e numerado com algarismos romanos.

Se mobiliza diferentes leituras, a *Navegação* também requisita diferentes memórias, declaradamente, às vezes descaradamente a serviço da alegria, da confraternização, da luta pela liberdade, da força e espontaneidade da vida. Não uma “imaginação graduada em consciência”, como uma espécie de traição ou manipulação ideológica da memória, antes, o narrador expõe a comovida consciência do quanto a vida (a que verdadeiramente nos definiria) é construída ficção, é deliberado sonho, é busca de comunhão. A vida, para o irrequieto *menino grapiúna* que habita o senhor Jorge Amado, deve ser permanentemente inventada, ilustrada, glosada em suas navegações de cabotagem e em suas reinvenções de longo curso.

Ainda dialogando com Machado de Assis, não sabemos se, a exemplo do enigma apresentado pelo “Bruxo do Cosme Velho”, a respeito de uma outra famosa personagem (Capitu), poderíamos flagrar no *Menino Grapiúna* os inumeráveis desígnios e enredos das *navegações* do *Velho Marinheiro*. Considerando os desnecessários riscos de atar as duas pontas de uma vida, mesmo em se tratando de uma existência solar como a de Jorge Amado, fazemos neste trabalho apenas algumas anotações e apontamentos a partir das “memórias” e “lembranças” do autor quase à deriva em *Navegação de cabotagem* (1992).

Este livro caracteriza-se como um espaço privilegiado de diálogos com o escritor e sua obra, espaço ao mesmo tempo aglutinador e disseminador de experiências – algumas, exemplares; mas nunca, monumentais. Experiências humanas, artísticas e intelectuais, como um caleidoscópio de saberes e vivências, memória e história, literatura e vida, arte e cultura, fato e testemunho, local e global, depoimento e ficção, lembrança e legado, legendas, denúncia e deleite – enfim, navegação de cabotagem, para dentro da vida, da viva memória, como é próprio a Jorge, capitão de longo curso.

O livro de Jorge Amado pretende-se apenas apontamentos para uma autobiografia que o autor aparentemente se esquivava de escrever, escrevendo-a, porém. Em verdade, trata-se de um jogo conceitual ancorado numa sutil hesitação, ou melhor, numa espécie de contaminação retórica que propõe experiências cambiantes: do protagonismo sociocultural ao testemunho crítico, da razão política à emoção artística, da ideologia à solidariedade, da glória à cultivada simplicidade. Tudo isso na fatura de narrativas marcadas por uma espécie de ética do companheirismo e estética do sensualismo e da sensualidade.

Nesta incursão por *Navegação de cabotagem*, partimos das próprias concepções de Jorge Amado, inscritas nas diversificadas narrativas do livro, a respeito das “memórias” e “lembranças”, da vida e da arte, dos livros e das ruas. Interessa-nos, sobretudo, discutir os

fatos e focos de *Navegação de cabotagem* tendo em perspectiva o universo artístico de Jorge Amado, suas informações e/ou formulações teórico-críticas, artísticas, literárias e culturais; e, noutro mote, sua démarche política e cidadã, numa miríade de referências sócio-históricas, no escopo ideológico, na militância, no comprometimento humanista, nas marcas da liberdade e na vida simples das ruas.

### Memória em movimento e a questão da verdade

Mais que um protocolo mental ou discursivo a ordenar e presentificar um passado, com ou sem amparo da “verdade” dos fatos, a memória pode ser concebida como movimento de signos e sentidos, narrativa de si e reconhecimento de mundo. A memória que, em princípio, se materializa como ponto de chegada de uma realidade pretérita, consubstancia-se também como ponto de passagem, campo onde se estabelecem formas significantes e processos de significação direcionados, simultaneamente, para o passado, o presente e o futuro, ativando formas e forças reais e/ou virtuais. A memória é, assim, lugar de disputas, atravessada por percepções ou narrativas em litígio por um lugar ao sol – o lugar estável da “verdade” ou o lugar ideológico de uma “necessidade”.

Em seu segundo livro de matiz memorialístico ou autobiográfico, *Navegação de cabotagem* (de 1992, com 638 páginas), Jorge Amado recolhe e amplia suas incursões neste complexo campo da condição humana. O autor desdobra suas percepções e reflexões sobre a história vivida ou testemunhada no crivo das possibilidades narrativas da memória. Três epígrafes abrem o livro, sendo que a primeira reproduz, com pequenas variações, parte da “epígrafe” do romance *Tocaia grande* (1984): “Eu digo não quando todos dizem sim em coro uníssono. Esse é meu compromisso”. O texto completo pode ser lido como uma epígrafe ou uma declaração de princípio que orienta o narrador de *Tocaia grande* no seu relato contra-ideológico. Ao reeditar essa epígrafe em *Navegação de cabotagem*, um livro de memórias autobiográficas, Jorge Amado não só assume a mesma atitude desabusada e combativa do narrador ficcional de *Tocaia grande*, como abre espaços dialógicos entre vida e obra, ficção e realidade.

São amplas e complexas as questões teóricas e críticas em torno da memória e da autobiografia, questões, em grande parte, irredutíveis a conceitos ou consensos. Não nos cabe aqui enfrentar tão polêmico tema. Faremos, contudo, rápidas referências ao pensamento de alguns teóricos conceituados, com Jacques Le Goff, Michel Foucault e Philippe Lejeune.

Lejeune, no capítulo “Autobiografia e ficção”, do seu livro *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*

(2008), nos fala de “duas categorias de adversários” aos seus argumentos sobre a natureza do discurso autobiográfico, “os que não acreditam na verdade” e “os que acreditam na literatura”. Tais adversários “recorrem seja à psicologia (crítica da memória, ilusões da introspecção), seja à narratologia (toda narrativa é uma fabricação)” (LEJEUNE, 2008:103). O próprio teórico reproduz os argumentos contestatórios:

Como se pode ainda, no século da psicanálise, acreditar que o sujeito seja capaz de dizer a verdade sobre si mesmo? A autobiografia perde em todos os campos: só consegue acumular deficiências. É uma ficção que se ignora, uma ficção ingênua ou hipócrita, que não tem consciência ou não aceita ser uma ficção, e que, de outro lado, se sujeita a restrições absurdas que a privam dos recursos da criação, única possibilidade de se chegar, em outro plano, a alguma forma de verdade. (LEJEUNE, 2008:103).

Jorge Amado, em suas memórias, se não professa “verdades”, pelo menos, acredita, ou dá crédito aos “fatos” acontecidos e por ele narrados, ao mesmo tempo em que abre espaço no livro para evocações mais livres, afeitas a subjetividades de várias ordens, e que são quase sempre grafadas em itálico, diferentemente da grafia normal dos capítulos que trazem a referência das datas. No texto introdutório de *Navegação de cabotagem*, Amado assim nuanceia as matérias vividas e narradas: “A referência a ano e a local destina-se apenas a situar no tempo e no espaço o acontecido, a recordação. Quanto aos apontamentos não datados, traduzem a experiência adquirida no correr dos anos: sentimentos, emoções, conjecturas” (AMADO, 1992:II).

Num primeiro contexto, temos “o acontecido” e a consequente “recordação” dos fatos em sua pretendida integridade; na outra ordem das memórias, o escritor nos apresenta narrativas que apenas “traduzem a experiência adquirida no correr dos anos”, a saber, “sentimentos, emoções, conjecturas”. Soma-se ao dito, no sentido de relativizar a crença metafísica na “verdade” dos fatos, a estrutura sucinta e fragmentada das narrativas, a quebra da cronologia linear, a linguagem informal e espontânea como estilo ou estratégia discursiva, o humor e a ironia constantes, bem como as contaminações retóricas inerentes às remissões e citações do próprio universo ficcional do autor.

Como diz Michel Foucault, na esteira de Nietzsche, é preciso “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os espera e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos” (FOUCAULT, 1993:15). É preciso lançar-se na dispersão dos “fatos”, recolher os fragmentos históricos

e culturais que, aproximados, sobrepostos, entrecruzados, ganham um outro brilho, produzem novas articulações discursivas.

Por sua vez, Philippe Lejeune, em resposta aos seus “adversários” no citado texto, argumenta que a autobiografia “se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística. É um ato que tem consequências reais” (LEJEUNE, 2008:104). E arremata, reivindicando o lugar próprio do discurso autobiográfico:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. (LEJEUNE, 2008:104).

Jorge Amado reputa suas memórias, em *Navegação de cabotagem*, como “liquidação a preço reduzido do saldo de miudezas de uma vida bem vivida.” (1992:III). Trata-se, nas palavras do autor, de “rascunhos” que podem favorecer a compreensão das muitas experiências de sua vida, no crivo de fatos e contextos que marcaram a história social, cultural e política do século XX: “[...] reúno em *Navegação de cabotagem* lembranças de alguém que teve o privilégio de assistir, e por vezes de participar de acontecimentos em certa medida consideráveis, de ter conhecido e por vezes privado com figuras determinantes” (AMADO, 1992:IV – grifo do autor).

Faz parte das estratégias discursivas de Jorge Amado problematizar a natureza dos discursos, o lugar da verdade e os (des)caminhos das várias e, muitas vezes, antagônicas memórias que conformam indivíduos e grupos sociais. A memória, assim, pode ganhar fóruns de potência indutora de destinos e utopias. Como diz Le Goff, “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1994:477).

No fabular romance *Os velhos marinheiros*: ou, a completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso (1961), Amado abre a narrativa ficcional com uma irônica reflexão sobre a memória e a questão da verdade: “Minha intenção, minha única intenção, acreditem! é apenas restabelecer a verdade. A verdade

completa, de tal maneira que nenhuma dúvida persista em torno do Comandante Vasco Moscoso de Aragão e de suas extraordinárias aventuras” (AMADO, 1981:13). Repercutindo a ideia inicial de tirar “a verdade do fundo do poço”, o romance mantém a questão da verdade como contraponto, implícito ou explícito, aos fundamentos (memórias e desejos) da vida aventureira do “capitão de longo curso”. O narrador, ao final, problematiza mais uma vez o estatuto da verdade: “Afinal, digam-me os senhores com suas luzes e sua experiência, onde está a verdade, a completa verdade? [...]” (AMADO, 1981:243).

Em *Navegação de cabotagem*, Jorge Amado refere-se ao personagem do romance *Os velhos marinheiros*:

Onde quer que eu chegue [...], alguém me diz: li teu livro, companheiro, ri e chorei, me comovi. Tereza Batista mudou minha vida, Pedro Archanjo me ensinou o pensamento livre, a pensar por minha cabeça, aprendi com Quincas a não ser o outro e, sim, eu próprio, com o comandante Vasco Moscoso de Aragão troquei o medíocre pelo sonho, aprendi o amor com Gabriela e dona Flor dele me deu a medida exata: mais poderoso do que a morte (AMADO, 1992:375-6).

Como se pode ver, para além da sempre questionável verdade factual da memória, há uma vontade ficcional e imaginária, uma verdade potencial a ditar a composição narrativa da vida humana. Segundo Jacques Le Goff,

as convenções que se vão conhecer no século XX foram, parece, preparadas pela expansão da memória no campo da filosofia e da literatura. Em 1896 Bergson publica *Matière et Mémoire*. Considera central a noção de “imagem”, na encruzilhada da memória e da percepção. No termo de uma longa análise das deficiências da memória (amnésia da linguagem ou afasia) descobre, sob uma memória superficial, anônima, assimilável ao hábito, uma memória profunda, pessoal, “pura”, que não é analisável em termos de “coisas”, mas de “progresso”. Essa teoria que realça os laços da memória com o espírito, senão com a alma, tem uma grande influência na literatura. Marca o ciclo narrativo de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu* (1913-27). Nasceu uma nova memória romanesca, a recolocar na cadeia “mito-história-romance” (LE GOFF, 1994:471).

Em Jorge Amado, o estatuto da memória abre-se de diferentes formas ao cruzamento ou à confluência de planos diversos: realidade e ficção, testemunho e imaginação, potência e ato, real e virtual. No seu primeiro livro autobiográfico, *O Menino Grapiúna* (1981), o escritor narra apenas sua infância até os 12 anos de idade, em pequenos 18 capítulos ricamente ilustrados (como diz o escritor, fazendo jus ao amigo ilustrador, mas exagerando na modéstia, “as ilustrações de Floriano

Teixeira compensam o preço do volume)<sup>2</sup>”. Na abertura de capítulos iniciais (o primeiro, o segundo e o sexto), ele pontua três dimensões ou condições de memória, às quais poderíamos designar, respectivamente, de “memória” indireta, “lembrança” imprecisa e “memória verdadeira e completa”.

Na abertura do primeiro capítulo, Jorge Amado apresenta uma espécie de memória construída: “De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão” (AMADO, 2004:5). No capítulo 2, aparece uma memória duvidosa, perdida nas longínquas experiências de um garotinho com cerca de dois anos: “Existirá mesmo alguma lembrança guardada na retina do infante – as águas crescendo, entrando pela terra, cobrindo o capim, arrastando animais, restaurando o mistério violado da mata – ou tudo resulta de relatos ouvidos?” (AMADO, 2004:9). Já no capítulo 6, o convicto autobiografado assim começa a história: “Memória verdadeira e completa guardo de outra cena, essa não mais de ouvi dizer e sim de tê-la vivido em meio à noite cálida e assustadora da Traranga. Menino de quatro anos?” (AMADO, 2004:39).

Se a memória da infância passa por variáveis que a tornam imprecisa, de forma alguma a desautoriza. Por outro lado, na metade desse mesmo livro autobiográfico da infância, o escritor abre um capítulo (o de n. 9) para tratar exclusivamente da tirania em larga escala: “Os líderes e os heróis são vazios, tolos, prepotentes, odiosos, maléficos” (AMADO, 2004:61). O capítulo não explicita uma relação direta com a matéria do livro, ou seja, com os fatos da infância narrada, contudo, deve estar associado a “uma memória profunda, pessoal”, a uma memória afetiva, a experiências vividas, mas imprecisas. No capítulo anterior, um dos maiores do livro, o escritor registra uma série de experiências simples, com “heróis” do povo, como o admirado “gigante negro”, Argemiro, que o conduzia à vida das ruas e dos prostíbulos, e flagramos o júbilo do futuro escritor e cidadão do mundo em tais experiências: “Em minha infância e adolescência, as casas de mulher-da-vida, em vilas e povoados, em pequenas cidades, nas ladeiras da Bahia, significam calor, agasalho e alegria. De certa maneira, nelas cresci e me eduquei, parte fundamental de minhas universidades”. (AMADO, 2004:55).

Voltando à questão do estatuto da memória em *Navegação de cabotagem*, observamos que ESCRITOR

renega o sério, o grave, as altas patentes. Diz ele: “Deixo de lado o grandioso, o decisivo, o terrível, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, assuntos para memórias de escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso: Não vale a pena escrevê-las, não lhes encontro a graça” (AMADO, 1992:IV). Nas narrativas de sua longa e movimentada vida, Jorge prima pelos mesmos princípios, assume as mesmas perspectivas críticas e os mesmos valores humanísticos que determinaram a existência de seus amados personagens do universo ficcional.

## Da vida como obra de arte

*Navegar é viver. Viver é preciso.*

Propomos esta variante da notável citação de Fernando Pessoa, que é ainda uma reafirmação de sentidos da frase criada pelo general romano Pompeu (Navegar é preciso, viver não é preciso), como mote para discutir e dimensionar as inter-relações de aspectos da vida e da criação romanesca de Jorge Amado.

A bela frase, com sua grande força simbólica, ganha significado especial no poema de Fernando Pessoa, conforme anunciado logo na segunda estrofe: “Quero para mim o espírito desta frase, / transformada a forma para a casar com o que eu sou: / Viver não é necessário; o que é necessário é criar.” No contexto original do enunciado, proferido por Pompeu, a força afirmativa da frase recai sobre a necessidade de se enfrentar as tormentas e de lutar, já que dita pelo general romano ante o temor dos marujos de embarcar nos navios, em missão de guerra, quando uma tempestade se anunciava próxima<sup>3</sup>.

Trazendo as duas situações em que a frase se atualiza, para pensarmos a trajetória de Jorge Amado, vemos que a força da criação é determinante em sua vida, conforme evidencia a sua fecunda produção literária e como se explicita em inúmeros depoimentos seus, a exemplo do “apontamento” à página 247, de *Navegação de cabotagem*: “Há quem diga que o faço bem [romances], há quem diga que o faço mal, eu o faço o melhor que posso, não busco outra ocupação, pois não sei fazer mais nada” (AMADO, 1994:247). Mas, além de ofício, a escrita ganha para Jorge a dimensão apontada por Fernando Pessoa, a de uma missão que, no limite, busca “contribuir para a evolução da humanidade”, ao tempo em que dá vida, visibilidade e densidade ao povo simples da sua terra, das terras da Bahia. Tais perspectivas podem ser flagradas em diversos depoimentos: o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro confessa: “Alguns livros do Jorge me civilizaram” (RIBEIRO, 1997:27); o economista Celso Furtado revela que

<sup>2</sup> “Se alguém desejar as lembranças da infância do autor deve recorrer a um texto datado de 1980, publicado em livro sob o título de *O Menino Grapiúna* – as ilustrações de Floriano Teixeira compensam o preço do volume” (AMADO, 1992:II).

<sup>3</sup> (cf. <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/navegar-preciso-viver-nao-preciso-435899.shtml>). Acesso em 20/09/2012.

os livros de Jorge Amado [...] tiveram para mim um papel formativo, permitindo-me captar o que é específico em nossa sociedade na qual sobressaem o sincretismo religioso, a complexidade das relações raciais e a importância do quadro ecológico e das matrizes de dominação social implantadas no período colonial (FURTADO, 1997:32).

Ou ainda, nas palavras do escritor peruano Mario Vargas Llosa: “Em poucos escritores modernos encontramos uma visão tão ‘sadia’ da existência como a que propõe a obra de Jorge Amado” (VARGAS LLOSA, 1997:39).

Na perspectiva da frase dita por Pompeu, em que a ênfase simbólica aponta para o campo da ação direta, do enfrentamento das adversidades, observamos que *navegar é viver*, é enfrentar as tormentas mesmo com riscos de vida. Nesse sentido, a trajetória política (partidária, ideológica, cultural) de Jorge Amado converge para a sua militância literária e com ela concorre. Destaca-se, aqui, a sua militância no partido comunista e os confrontos com as forças políticas e policiais na defesa dos seus ideais libertários e igualitários.

(Moscou, 1952 – os desmemoriados) Durante minha trajetória de escritor e cidadão, tive conhecimento de fatos, causas e consequências, sobre os quais prometi guardar segredo, manter reserva. Deles soube devido à circunstância de militar em partido político que se propunha a mudar a face da sociedade, agir na clandestinidade, desenvolvendo inclusive ações subversivas (AMADO, 1992:2).

No seu depoimento em homenagem a Jorge Amado, o grande amigo e companheiro de luta Oscar Niemeyer diz preferir “recordar os velhos tempos”, e privilegia momentos da ação política no PC: “Recordar os comícios, as passeatas pelas ruas do Rio, as correrias com a polícia atrás de nós. / E aquela esperança de que o mundo ia mudar, de que um dia tudo seria diferente” (NIEMEYER, 1997:40).

Na convergência dessas duas perspectivas de *Navegação* (a da criação e a das várias formas de militância), encontramos um forte engajamento político-social na obra de Jorge Amado, o qual não subjuga a sensibilidade humana e reforça o instinto libertário do autor. Como atesta Vargas Llosa,

O que salvou o Jorge Amado de então, da armadilha em que caíram muitos escritores latino-americanos ‘militantes’, que se converteram, como queria Stalin, em ‘engenheiros de almas’, ou seja, em meros propagandistas, foi que em seus romances políticos um elemento intuitivo, instintivo e vital prevaleceu sempre sobre o ideológico, superando os esquemas racionais (VARGAS LLOSA, 1997:38).

O que se evidencia no depoimento do escritor peruano também aparece nas reflexões e nas obras do próprio Jorge Amado, como podemos ver em mais um depoimento de *Navegação de cabotagem*, numa fala que se confunde com a do personagem Pedro Archanjo:

Meu materialismo não me limita, respondeu Pedro Archanjo na tenda dos milagres, quando o intelectual estranhou que um materialista exercesse funções de babalão de candomblé – aqui repito a afirmação do sábio do povo, pardo, paisano e pobre, ao reafirmar meu materialismo imune ao vírus da aids ideológica. (AMADO, 1992:302).

Observa-se que as recorrências entre vida e obra traduzem o cidadão Jorge Amado em inscrições ou incursões narrativas, ao tempo em que dimensionam o lugar da escrita e da imaginação na sua regência de mundo. A confluência ou o cruzamento de planos (vida e obra, intuição e razão, realidade e imaginação, fato e ficção) encontra visibilidade exemplar na aproximação de duas obras do escritor que se instauram no campo simbólico demarcado pelo verso/frase “navegar é preciso; viver não é preciso”. Trata-se de *Navegação de cabotagem* (1992) e *Os velhos marinheiros* (1961).

O simples cotejo dos dois títulos, associados ao fato de que um livro é de memórias autobiográficas e o outro é uma obra ficcional, aponta para um jogo retórico e uma concepção crítico-filosófica do autor. Para além das evidências primeiras, muitas são as marcas de diálogo e de aproximações entre esses dois livros de Jorge Amado. Se o que caracteriza uma navegação de cabotagem são as pequenas rotas, na costa ou voltadas para o interior, pode-se inferir que o título do livro de memórias joga com a ideia de um voltar-se para si e das limitações que a vida civil, que o mundo real impõe. Na contraface, a imaginação e a fantasia que presidem a ficção são como mapas para navegações de longo curso, para a imperiosa necessidade de navegar em direção aos corações e mentes dos homens, a um destino mais justo e menos prosaico.

Narra Jorge Amado que, durante uma travessia de ferry-boat no Mar Báltico, indo da Alemanha para a Suécia com o escritor islandês e Prêmio Nobel de Literatura (1955), Halldor Laxness, enfrenta um furacão e, em determinado momento, vangloria-se da sua experiência de homem do mar:

O furacão brinca com o ferry-boat, o vento uiva, as ondas varrem o convés, estamos encharcados, Halldor dá por finda a refeição, oferece-me o braço para chegarmos ao corredor, aceito, *estou bêbado*, rio à-toa: posso não ser tão bom romancista quanto tu, mas sou um velho marinheiro, capitão de longo curso. (AMADO, 1992:260 – grifo nosso).

O velho romancista, sob os efeitos do álcool, confessa-se personagem de si mesmo, um “velho marinheiro capitão de longo curso”. Ironicamente, esta patente inerente ao mundo ficcional criado pelo escritor grapiúna serve como uma espécie de compensação a sua desvantagem como romancista em relação ao amigo laureado com o Nobel. Num outro momento de *Navegação de cabotagem*, Amado faz referência à narrativa da vida do Capitão Vasco Moscoso. Estava ele em sua casa no Rio de Janeiro, com o amigo compositor Antônio Maria, quando recebera o telefonema de uma leitora dizendo-lhe que suspendera a leitura de *Os velhos marinheiros*, e ameaçando:

Parei de ler na página onde o Capitão está bêbado e desmoralizado na pensão miserável de Belém, não tive coragem de prosseguir. Estou telefonando para lhe dizer que se você não o reabilitou, não lhe restituiu a dignidade e a alegria, jamais voltarei a ler um livro seu<sup>4</sup> (AMADO, 1992:305).

*Os velhos marinheiros* é um livro narrado por um poeta e historiador (portanto, narrador e personagem), que questiona e ironiza a ideia de “verdade”, ao tempo em que busca desvendar uma *verdade* sobre a vida aventurosa do Capitão Vasco Moscoso de Aragão, a qual é marcada por narrativas imaginárias e até por forças misteriosas, próprias dos ditos e saberes populares. A crítica à verdade positivista e, por consequência, à razão instrumental, sofre ainda os abalos da intervenção de elementos fantásticos na vida do protagonista, determinando, especialmente, a reviravolta na sua sorte, conforme reclamara a aflita leitora.

Jorge Amado defende em *Os velhos marinheiros* a primazia da imaginação sobre a razão, das utopias pessoais sobre os fatos históricos, da ficção sobre o real, da palavra poética sobre o rigor conceitual. O capítulo intitulado “Do telescópio e do seu variado uso, com Dorothy ao luar no tombadilho” traz elementos que ilustram simbolicamente o poder e o alcance dos princípios que regem a vida do Capitão Vasco Moscoso: “Ah! O telescópio... Nele partiam para a aventura da Lua e das estrelas, para fantásticas viagens, rompiam as fronteiras da monotonia e do tédio. [...]” (AMADO, 1981:38-40). Na sequência desse capítulo, destaca-se o lirismo e a beleza dos elementos postos em cena, que trazem a ideia de ampliação da realidade pelo telescópio,

a exemplo do que fazem os artistas com suas obras, que se lançam em navegações de longo curso. O narrador traz ainda mapas e cartas de navegações, fotos ampliadas de navios a mover histórias feitas de memória e imaginação. Desloca-se das estrelas no firmamento aos corpos das mulheres no banho de mar, realidades carregadas pelo Capitão Vasco Moscoso, sob as suas lentes ampliadas. Se os “rapazes” do romance se valiam do telescópio para “procurar o Cruzeiro do Sul” (AMADO, 1981:39), em um pequenino apontamento de *Navegação de cabotagem*, Jorge Amado confessa, entre frustrado e cético: “Por maiores esforços tenha feito, jamais consegui localizar nos céus as estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul – uma de minhas frustrações: todo mundo vê, será que vê?” (AMADO, 1992:301).

Narrar é resistir, já dizia o exorbitante inventor de mundos (dos sentidos, das ideias, da língua, das palavras, dos porões, dos sertões...), sr. Guimarães Rosa. Poderíamos dizer do nosso escritor baiano, Capitão de Longo Curso nascido nas terras do cacau, que viver é resistir. Portanto, viver, como navegar, é preciso.

A obra ficcional de Jorge Amado não raro foi alvo de críticas ou de senões quanto a sua qualidade estética. Em boa parte da academia, por um bom tempo, quando não angariava declarados desafetos, recebeu magnânime indiferença. Num dos vários “apontamento não datados” de *Navegação da cabotagem* (caracterizados no livro como “sentimentos, emoções, conjeturas”), Jorge Amado pronuncia-se, em tom grave e sério, quanto a esse ambiente hostil ou preconceituoso:

Nenhum de meus detratores, esses tantos que não perdem vaza para dizer mal de mim, sabichões cuja missão crítica é negar qualquer valor a meus livros, nenhum deles conhece tão bem minhas limitações de escritor quanto eu próprio, delas tenho plena consciência, não permito que me iludam os ouropéis e os confetes.

Sei também, de ciência certa, existir nas páginas que escrevi, nas criaturas que criei, algo imperecível: o sopro de vida do povo brasileiro. Não carrego vaidade, presunção, e sim, orgulho (AMADO, 1992:396).

Há, nessas palavras convictas, uma certa indignação do escritor para com tais “sabichões” que parecem ter por “missão” o que Gilles Deleuze classifica como “estranho ideal policialesco, o de ser a má consciência de alguém” (DELEUZE, 1992:13), ou de injetar má consciência a alguém. Mas Jorge não é marinheiro de pequenas viagens, e se há algo que não encontra guarida em sua trajetória humana e em sua obra é o ressentimento que amesquinha, ou a má consciência que corrói. Como homem acostumado ao balanço das águas, capitão de longo curso que é, não se deixa turvar pelo mau tempo ou pela fúria das ondas, antes

<sup>4</sup> Curiosamente, esse apontamento traz no título a data de 1960, quando, ao final do romance, o autor coloca a data de Janeiro de 1961, mesmo ano de publicação de *Os velhos marinheiros*. O próprio Jorge Amado, no prefácio de *Navegação de cabotagem*, adverte o leitor sobre possíveis desencontros como esse: “De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas [...]. Estudante de história, interessado nas figuras e nos feitos, esquecia as datas e eram as datas que os professores exigiam”. (AMADO, 1992:II).

aproveita a própria força das marés. Assim é que, a uma classificação aparentemente pejorativa desferida contra seu ofício de escritor, pronuncia-se o Velho Marinheiro, em mais um de seus apontamentos de *Navegação de cabotagem*:

Romancista de putas e de vagabundos, classifica-me com menosprezo um graúdo da crítica literária. A classificação me agrada, passo a repeti-la para definir minha criação romanesca. / Gosto da palavra puta, simples e límpida, tenho horror aos termos prostituta, marafona, pejorativos e discriminatórios. Em três palácios de governo relembrei que sou apenas um romancista de putas e de vagabundos, colocando o acento na palavra puta, com júbilo. No Palácio do Planalto, em Brasília, na cerimônia de criação, por José Sarney, então Presidente da República, da Fundação cultural (sic) que leva o meu nome. No Palácio do Conselho de Estado, em Sófia, na Bulgária, ao receber o Prêmio Dimitrov. No Palácio de Belém, em Lisboa, quando o Presidente Ramalho Eanes me retirou da condição de “escritor maldito” e me entregou a Ordem de Santiago à Espada. Em toda circunstância, a meu lado, as putas e os vagabundos (AMADO, 1992:174).

Jorge Amado resume aqui o seu vasto interesse pela diversidade e pela condição humana, nessas duas figuras basilares da sua formação sentimental e do seu compromisso com a vida e a liberdade, seja no plano pessoal, como na criação romanesca. Comovente é um termo que bem define o investimento ético-emocional e o alcance poético-existencial do escritor no convívio e nas representações desses seres humildes e carentes, soltos no mundo. Já no seu primeiro livro de memórias, *O menino grapiúna*, Amado refere-se a esse aspecto da sua obra, que é também uma dimensão nuclear da sua vida. Vejamos como o ficcionista se nutre das experiências de menino nos prostíbulos, que era levado pelo negro Argemiro, um empregado de seu pai:

Enquanto esperava, o menino ia de mão em mão, de ternura em ternura, de afago em afago, de rapariga em rapariga, cada qual mais maternal. [...] Nada tinham de prostíbulos, a palavra pesada e torpe não serve para designar interiores tão familiares e simples, onde toquei os limites extremos da miséria e da grandeza do ser humano. [...] Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundos? Se alguma beleza existe no que escrevi, provém desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro em brasa, os que estão na fimbria da morte, no último escalão do abandono (AMADO, 2004:54-6).

Mais adiante, nas memórias da infância, Amado declara, com a mesma simplicidade e orgulho: “os vagabundos ainda demoraram a fazer parte do meu

universo, do meu cotidiano. Com eles comecei a tratar quando, aos treze anos, fugi do internato dos jesuítas e atravessei o sertão para chegar a Sergipe, à casa do meu avô”. E arremata, começando a ampliar o leque de camaradas: “Amigo dos vagabundos, dos mestres de saveiro, dos feirantes, dos capoeiristas, do povo dos mercados e dos candomblés. Mais que isso, fui um deles” (AMADO, 2004:67).

Noutra passagem de *Navegação de cabotagem*, ao marcar a profunda cumplicidade entre sua vida e obra, Jorge Amado conclui definindo a sua posição de escritor: “Oitenta anos vividos intensa, ardentemente, de face para a vida, em plenitude. Minha criação romanesca decorre da intimidade, da cumplicidade com o povo e com a vida, *sou um escritor e não um literato* [...]” (AMADO, 1992:III – grifo nosso). Jorge parece orgulhar-se das possíveis, prováveis rasuras estilísticas de sua obra, cuja força não busca amparo na acuidade formal, antes se potencializa na espontaneidade dos traços linguísticos, no frescor das relações humanas, nos rasgos utópicos das relações sociais, nas marcas solidárias das figuras humanas, na sensualidade e sexualidade latentes, no trato direto com os instintos humanos.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 17 de julho de 1961, Jorge Amado apresenta uma rápida tipologia do romance brasileiro, situando-o entre duas grandes vertentes representadas pelos escritores José de Alencar e Machado de Assis, que sintetizariam “o conjunto das qualidades de nossa prosa de ficção” (AMADO, 1972:9). Segundo Jorge,

A grandeza de Alencar resulta de certos valores que marcam e definem toda uma vertente de nossa ficção, assim como a grandeza de Machado é consequente de valores outros que marcam e definem toda uma vertente do romance e do conto brasileiro. Um é a força do povo, bravía, descontrolada, enchente e enxurrada, árvore nunca podada, [...] excessiva e deslumbrante. Tentando transpor para o plano literário a língua doce e musical de nossa gente [...]. De valores assim é feita a obra de Alencar [...]. Os escritores dessa família de Alencar escrevem menos com tinta do que com sangue, menos com as regras da gramática do que com o conhecimento da vida. Por isso, se sofrem o nariz torcido de certa crítica esteticista, arrastam consigo o amor do povo [...]. Machado soma, ao seu conhecimento da vida e dos homens, a qualidade literária conquistada dia a dia, palmo a palmo, é feito de meia-luz e de meia-sombra. Em sua obra é tão importante o que foi aprendido nos livros quanto a experiência vivida e, por vezes, até mais importante.

É que Alencar nos lega a vida, e a vida vive-se, não se imita, enquanto Machado nos lega a literatura, a perfeição artística que invejamos e tentamos imitar. *Quanto a mim sou um rebento baiano da família de Alencar* (AMADO, 1972:9-12 – grifo nosso).

Não por acaso, Jorge Amado se definiu, certa vez, como apenas um baiano romântico e sensual. À parte essa modéstia, é flagrante que tais qualidades ele soube transportar para os seus livros com rara naturalidade expressiva e fluidez narrativa. Das características literárias atribuídas por ele a José de Alencar, e outras não explicitadas, realmente podemos constatar muitas delas na obra do escritor baiano. Em especial, Jorge aproxima-se de Alencar na busca de representação da alma do povo, através da incorporação de valores populares, da opção pela espontaneidade e plasticidade da língua, do respeito à diversidade e da construção de espaços identitários, da disposição anímica de pendor poético. O crítico Antonio Candido, em seu artigo “Poesia, documento e história”, publicado inicialmente em *Brigada ligeira* (1945), embora não trate de José de Alencar, de certa forma corrobora a ideia de aproximação dos dois escritores, ao salientar que a obra de Jorge Amado trata de forma poética os personagens, pois o conhecimento que ele tem dos homens é “uma obra de graça da poesia”:

O significado humano dos personagens do sr. Jorge Amado, como já vimos, vem menos de sua capacidade de analisar – fraca e sumária – que de sopro criador e animador da poesia. E a perspectiva histórica, o ritmo cíclico dos acontecimentos, tomando o personagem entre vários planos, como que lhe asseguram a verdade e o relevo que a análise não pode dar (CANDIDO, 1972:119).

Enquanto Machado de Assis é admirado como exímio literato (romancista e contista), e como tal, nenhum escritor passa incólume por ele, é em José de Alencar, contudo, que o romancista Jorge Amado se reconhece e se filia. O autor de *Iracema* e o criador de *Mar morto* investem no frescor da alma, no sabor da língua, na abertura de novas trilhas para a composição da nossa diversidade humana e cultural.

### **Homem das multidões e da cultivada amizade**

Podemos concluir, provisoriamente, este percurso pelos mares amadianos trazendo alguns números, mas números que são personagens (todos inventados, na vida ou na obra), portanto, narrativas vivas. Impressiona na figura de Jorge Amado, da infância à maturidade, o seu profundo interesse pelas pessoas, a sua disponibilidade para o outro, para o encontro, para o convívio. Se na infância já acompanhava os empregados da família e se deixava levar para o espaço estigmatizado dos prostíbulos e lá se entregava aos cuidados maternos das putas, na velhice não lhe falta disponibilidade para se deslocar a Portugal para acompanhar os últimos dias de vida

do amigo Glauber Rocha, acometido de um câncer no pulmão. Relata Jorge Amado, no apontamento intitulado “Lisboa, 1981 – funeral”:

Em Lisboa assisto à agonia de filho bem-amado, como foi possível suportar a descida de Glauber Rocha ao inferno.

Levei um ano para me recuperar do mês atroz: Glauber no hospital morrendo, os olhos esbugalhados, tentando manter-se inteiro, guloso da vida vivendo anelante os dias derradeiros, eu, Zélia e João Ubaldo derrotados, os únicos a amá-lo deveras em meio à multidão que lhe enchia o quarto de fumaça e ilusão (AMADO, 1992:142).

Exemplar também nesse contexto é sua ida ao encontro de Graciliano Ramos, para conhecê-lo, antes mesmo de o escritor alagoano estreitar em livro:

Em meados de 1933 embarquei num pacote do Lloyd Brasileiro, de tamanho de uma caixa de fósforos, o Conde de Baependi, arribando do porto do Rio de Janeiro para o porto fluvial da cidade de Penedo, no rio São Francisco, no então distante Estado de Alagoas. Levava-me o objetivo único de conhecer pessoalmente o romancista Graciliano Ramos, nome àquela data sem qualquer ressonância junto aos leitores e aos críticos: ainda não havia editado nenhum livro. Acontecerame ler, porém, os originais de *Caetés*, tomara-me de tamanho entusiasmo que decidi viajar até Alagoas para comunicar ao autor minha admiração, de viva voz. *Tinha eu vinte e um anos incompletos e acabara de publicar Cacau* (AMADO, 1992:24 – grifo nosso).

A saga do jovem grapiúna nesta sua navegação de cabotagem bem dimensiona o seu espírito aberto, a força de um destino desde sempre anunciado, o de ser camarada de suas gentes e cidadão do mundo.

O Conde de Baependi deixou-me em Penedo, desde então uma de minhas cidades preferidas [...].

Andando em bonde-de-burro, ainda circulavam na Penedo de 1933, esperei o automóvel que Valdemar Cavalcante, com coluna de livros em gazeta de Maceió, sobrinho do Prefeito, enviou para me buscar. A viagem, em estrada de terra e buracos, durou o dia inteiro, cheguei a Maceió no fim da tarde, coberto de poeira, no hotel tomei um banho, saí em busca do romancista, fui encontrá-lo num bar, bebia café negro em xícara grande, cercado pelos intelectuais da terra – todos eles reconheciam a ascendência do autor ainda inédito, era o centro da roda. Ficamos amigos na mesma hora.

Desde aquela tarde até sua morte, acompanhei dia a dia, com admiração e amizade, a vida de Graciliano Ramos e sua criação literária, poucas se lhe comparam. Cheguei de Santiago do Chile às vésperas de sua morte, escalado para falar à beira do túmulo, não consegui passar das primeiras palavras (AMADO, 1992:26-27).

Vemos nesse curto registro da memória, por trás de uma narrativa fluida e aparentemente simples, a densidade humana e o sopro épico que a vida e a obra de Jorge Amado adquirem à medida que as percorremos como leitores. A partir de registros pontuais, Jorge Amado desenha um arco histórico repleto de marcações humanas e culturais que esboçam uma imponderável dimensão existencial, enlaçando-o à vida e morte de Graciliano Ramos.

O conjunto enorme de encontros pessoais como esses, somado ao trânsito nos inúmeros ambientes políticos, culturais e cerimoniais, compõe uma verdadeira legião de pessoas com as quais o nosso Capitão de Longo Curso manteve relações, com maior ou menor constância e intimidade. No extenso “índice” onomástico ao final de *Navegação de cabotagem* (cujas páginas são identificadas por letras, de “a” a “n”) figuram cerca de mil e trezentas referências, tendo Jorge Amado travado contato direto com grande parte dessas pessoas, pertencentes aos mais diversos estratos sociais e culturais. São pessoas simples do povo, importantes estadistas, luminares da literatura, das artes e de diversas outras áreas do conhecimento, uma infinidade de mulheres, quase todas denominadas de Maria por questão de discrição. Dentre as mais recorrentes figuras (algumas em torno de cinquenta citações) nesses “rascunhos” de memórias que integram o multifacetado livro *Navegação de Cabotagem*, podemos citar: Pablo Neruda, Caribé, Oswald de Andrade, Calasans Neto, Dorival Caymmi, Érico Veríssimo, Fidel Castro, Ilya Eremburg, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, João Ubaldo Ribeiro, Glauber Rocha, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, François Mitterrand, Menininha do Gantois, José Lins do Rego, Mário Cravo, Nicolás Guillén, Nikita Kruchev, Pablo Picasso, Samuel Wainer, Bertholt Brecht, Vinícius de Moraes, Gilberto Freyre, Gabriel Garcia Márquez...

No final do seu “Discurso de Posse na Academia Brasileira”, Jorge Amado perfila ao seu lado outros importantes personagens, companheiros de outras viagens:

Tenho a alegria de ter conservado jovem o coração, por não ter rompido jamais a unidade entre minha vida e minha obra e por ter certeza de que jamais a romperei. E quando aqui chego, chegam a esta casa, a esta tribuna, vestindo este fardão, pessoas simples do povo, aqueles meus personagens pois é por sua mão que aqui ingresso. Vêm mestres de saveiro e pescadores, Mestre Manuel, Maria Clara, Lívia e Guma, e sua ansiosa espera da morte no mar; vêm negros e mulatos, o pai-de-santo Jubiabá e o negro Balduino, Rosenda Rosedá e o Gordo, vêm as crianças abandonadas, os capitães da areia, trabalhadores dos campos de cacau e rudes coronéis de repetição em punho; vêm os reis das gafeiras da Bahia, Quincas Berro D’Água, e a mulata Gabriela, feita de cravo e canela, e o comandante Vasco

Moscoso de Aragão, que amava sonhar e comandava os ventos. Gente simples do povo, não sou mais de que um deles, e se os criei, eles me criaram também e aqui me trouxeram. São uma gente boa, senhores acadêmicos, gente baiana de muita delicadeza, e ao sentar-me com eles em vossa ilustre companhia, ao agradecer a honra dos votos que de vós mereci, quero a eles também agradecer o homem que eles construíram e até aqui trouxeram. Porque eles são o meu povo e a vida que tenho vivido ardentemente (AMADO, 1972:21-2).

*Navegar é preciso...*

Temos, em *Navegação de cabotagem*, um Jorge Amado no domínio pleno da sua escrita – simples, direta, coloquial e desassombada, mas bem dosada com uma ironia ora crítica, ora filosófica. Ironia que movimentava o texto com inteligência e perspicácia pelos meandros da condição humana, com seus papéis cruzados entre o pessoal e o social, nos complexos jogos da identidade e da representação. Jorge Amado traz, ainda mais, o brilho peculiar da sua escrita: o calor, o sabor e o colorido das histórias de quem está visceralmente comprometido com a diversidade, a beleza e a tragédia da vida. Trata-se da reafirmação de um escritor solidário, ou mesmo cúmplice, ante as fragilidades do homem.

Nesse multifacetado livro de memórias, sobressai um autor na posse absoluta dos seus valores – adesão aos sentidos, que conformam sua visão sensualista de mundo; pacto humanista, voltado, sobretudo, para as gentes pobres e oprimidas; percepção vitalista com nuances românticos, que sustenta sua aderência à espontaneidade da vida; compulsão convicta e incondicional à liberdade como valor existencial, em suas dimensões mais diversas; militância e comprometimento social, para além das cercas partidárias e ideológicas.

Como vimos, *Navegação de cabotagem* dialoga, em vários níveis, com o universo ficcional do autor. Para além das referências diretas a algumas obras e tramas ficcionais, consolida-se uma escrita que incorpora, muitas vezes de forma indissociável, as peripécias da vida e das obras de Jorge Amado. O substrato maior desse livro de “memórias” e “recordações” pode ser sintetizado nas suas perspectivas éticas e utópicas, as quais também marcaram a trajetória do homem e do escritor. Poderíamos dizer que se trata de uma ética da solidariedade inerente ao ato de escrever, capitaneando o senso de camaradagem, a informalidade como postura e a cumplicidade como destino. Sua latente utopia aponta para uma espécie de emancipação pela mestiçagem, anelada pelos valores revolucionários da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Em suas navegações, Jorge Amado traduz a convicção de que a existência se instala sempre na precariedade e se

define pelas suplências. Daí, as artimanhas do humor e da ironia como forças motrizes para, ao mesmo tempo, desvelar e superar a precariedade dos fatos da vida e dos pactos dos homens (políticos, morais, estéticos...), bem como, esconjurar as forças do rumor cego e vital dos desejos e dos instintos. *Viver é preciso...*

## Referências

- AMADO, Jorge. *O Menino Grapiúna*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. Ilustrações de Floriano Teixeira, 7. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Record, 1992.
- AMADO, Jorge. *Os velhos marinheiros: ou, a completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- AMADO, Jorge. Discurso de posse na Academia Brasileira. In: *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972. p. 3-22.
- CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972. p. 109-123.
- DELEUZE, Gilles. Carta a um crítico severo. In: *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 11-22.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. 11. ed., trad. de Roberto Machado; Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993. p. 15-37.
- FURTADO, Celso. “Parceiros de viagem” (depoimento). In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 26-40, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3. ed., trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MACHADO DE ASSIS. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- NIEMEYER, Oscar. “Parceiros de viagem” (depoimento). In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 26-40, 1997.
- PEREIRA, Elvya Ribeiro. As migrações de Brás Cubas ou contracenias da identidade. In: *Légua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana-Ba: PpgLDC/Ed. UEFS, 2005. p. 143-167 (ano 4, n. 3, 2005, ISSN: 1676-5095).
- RIBEIRO, Darcy. “Parceiros de viagem”. (depoimento). In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 26-40, 1997.
- VARGAS LLOSA, Mario. Parceiros de viagem (depoimento). In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 26-40, 1997.

Recebido: 14 de abril de 2013

Aprovado: 26 de maio de 2013

Contato: rubens@uefs.br; elvyaperira@hotmail.com